

Uma coluna de fumo negro

SOBREVIVENTE COM UM BEBÉ AO COLO: Vi o meu marido morrer à janela, como uma estátua, a olhar para nós, as chamas a consumirem-no.

EMIGRANTE SALVO POR UMA EXPLOÇÃO QUE O CUSPIU PARA FORA DA CARRUAGEM EM CHAMAS: Estava tudo aos tombos dentro das carruagens mas ninguém gritava, ninguém chorava.

JORNALISTA: Os primeiros bombeiros entraram nas carruagens ainda fumegantes e de lá começaram a retirar pedaços de carvão que haviam sido gente. Troncos sem cabeça, fragmentos de pele e osso dentro de mangas de tecido, corpos esventrados eram recolhidos e, dentro de sacos de plástico ou envoltos em lençóis que logo se tingiam de vermelho, colocados dentro de um jipe branco como peças de um *puzzle* que ninguém podia recompor. Depois, alinhados nas morgues, por vezes improvisadas, dos hospitais, aguardavam que um anel, um fio de ouro, qualquer pormenor, tornasse possível a identificação.

SOBREVIVENTE: Foi horrível porque estavam todos a arder vivos, a tentar sair das carruagens mas, sem forças, a morrer pendurados nas janelas.

JORNALISTA: Nessa madrugada alta já ninguém acreditava em milagres, já se sabia que de dentro das carruagens – onde a temperatura terá atingido os 600 graus – só podiam sair

cadáveres. Não havia mais sobreviventes como aquela jovem que, em estado de choque e com fracturas múltiplas, foi encontrada de cabeça para baixo mas ainda viva algumas horas depois de as equipas de socorro terem começado o seu trabalho.

BOMBEIRO: Há cabeças e braços por todo o lado.

SOBREVIVENTE: Vinha no comboio e, de repente, começou tudo a cair. Só tive tempo de partir os vidros de uma janela e saltar. Ouvi pedidos de socorro por todo o lado.

SOBREVIVENTE: Tive de sair por uma janela e ajudei de imediato a retirar duas senhoras e uma criança e não fiz mais nada, pois as chamas invadiram toda a carruagem. Fugi para longe com medo das explosões.

TRANSEUNTE QUE CHEGOU DEZ MINUTOS DEPOIS DE OUVIR O ESTRONDO: Na altura que cheguei estava a primeira carruagem a arder. Havia um silêncio sepulcral. Ninguém falava nem chorava. Vi que não havia hipóteses de sobrevivência para as pessoas que estavam lá dentro.

TRANSEUNTE: Tentei partir os vidros pelo lado de fora mas tive de me afastar devido ao fogo. Ficaram lá todos. Pernas partidas, braços, cabeças, era sangue por todo o lado.

CRIANÇA DE 7 ANOS: Estava a brincar com a minha irmã e o meu pai. Depois eles começaram a arder e a minha mãe tirou-me dali.

MÃE DA CRIANÇA DE 7 ANOS: Ouvia-se um grande estrondo e, em menos de dois minutos, as carruagens ficaram em chamas. O fogo vinha de baixo do comboio, de cima e dos lados. O meu marido correu para a janela mais próxima, conseguiu rebentá-la e empurrou-nos para fora. Mas ele ficou lá, completamente envolto em chamas. Vi-o morrer à janela, como uma estátua, a olhar para nós. A minha filha devia estar caída no corredor.

JORNALISTA: A tragédia impregnou terra e árvores de um cheiro incaracterístico, produzido pela combustão de aço, roupas e haveres. Para um bombeiro, esse era o cheiro dos corpos queimados.

JORNALISTA: Alguns passageiros foram encontrados a vaguear a quilómetros de distância, alucinados.

JORNALISTA: Na pequena estação da vila, iam-se juntando os passageiros ilesos que viajavam no Sud Express com destino a Paris. Alguns conseguiram salvar a bagagem.

JORNALISTA: É o caso de uma rapariga de 20 anos que perdeu a carteira com a identificação.

BOMBEIRO: Era difícil perceber o que pertencia a um corpo ou a outro. Mas só pelas minhas mãos passaram mais de 50 vítimas mortais.

JORNALISTA: Nem o mais leve rumor ultrapassou o perímetro do bosque. Parecia que o bosque se preparava para manter tudo em segredo, apoderar-se das toneladas de destroços de ferro, das malas atafalhadas de roupas, dos sacos com farnéis, das memórias indizíveis de cada uma das vítimas. Decompor toda essa matéria complexa, vulnerável, irrisória. Transformá-la em húmus, em alimento para o chão lúgubre, o chão ávido, o chão cansado de ser chão e desejoso de se erguer na forma de árvores ou pássaros.

JORNALISTA: Os comboios chocaram de frente e incendiaram-se de seguida.

JORNALISTA: O comboio Regional era constituído por locomotiva, furgão e três carruagens; o comboio Internacional era constituído por locomotiva, três carruagens-cama, quatro carruagens e um vagão de bagagens.

JORNALISTA: Alguns sobreviventes escapavam-se como lesmas pelas janelas das carruagens deformadas, deixando atrás de si um rasto avermelhado.

JORNALISTA: A primeira carruagem do Sud Express era uma carruagem-couchette, onde os passageiros viajavam deitados. Seis dos dez compartimentos ficaram completamente espalmados.

ELEMENTO DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA: Alguns sobreviventes perderam os documentos e não se recordam do próprio nome.

JORNALISTA: Assemelhavam-se a mortos-vivos. Traziam os membros esmagados por chapas metálicas, os pulmões perfurados, os olhos acesos de visões. Arrastavam-se pela gravi-lha. Ou melhor, deslizavam.

JORNALISTA: Já era noite cerrada quando o Presidente da República chegou ao local do acidente.

JOVEM DE 19 ANOS: Íamos fazer um InterRail. Os meus amigos morreram todos.

ELEMENTO DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA: Já começámos a contactar os familiares das vítimas mortais e dos feridos graves.

JORNALISTA: Outros, aparentemente ilesos, desataram a fugir por entre as árvores. Corriam a toda a velocidade. Porém, por mais que corressem, não conseguiam alcançar a orla do bosque e regressavam, confusos, ao ponto exacto de onde haviam partido.

JORNALISTA: Quando as equipas de salvamento chegaram, as ondas de calor provocadas pelas chamas intensificavam o carácter onírico dos gigantescos destroços. Os gritos daqueles que permaneciam presos dentro das carruagens soavam como ecos vindos de um lugar que escapava a qualquer tentativa de percepção ou entendimento. A colisão entre os dois comboios abriu uma fissura que colocava em contacto duas realidades a tal ponto incongruentes entre si que alguém que estivesse numa delas seria totalmente incapaz de apreender a outra. Separados por uma parede de chamas, maridos e mulheres já

não dispunham de uma linguagem comum que lhes permitisse pronunciar as palavras próprias de uma despedida.

SOBREVIVENTE COM LIGEIOS FERIMENTOS NUMA DAS MÃOS: Ainda tentei salvar uma rapariga que vinha sentada ao meu lado, mas o fogo apareceu de repente e já não consegui arrastá-la para fora da carruagem.

BOMBEIRO: O acesso ao local dificulta as operações. Tivemos de deitar abaixo algumas árvores para as viaturas poderem passar.

JORNALISTA: Agora, o que resta para salvar de dentro das carruagens são corpos carbonizados, pedaços de carvão exibindo formas vagamente humanas, réplicas grosseiríssimas de mãos, pernas, cabeças, tão indistintas umas das outras que mais parecem ter sido forjadas a partir dos mesmos moldes. Mas, como é da natureza de certas pedras e metais preciosos resistir a adversidades que a carne não suporta, alguns desses pedaços de carvão ostentam o inusitado brilho de medalhinhas, alianças de casamento, brincos, pulseiras – objectos cuja função, a partir de agora, será a de travar o inglório combate contra o anonimato dos seus antigos proprietários.

BOMBEIRO: A pressão dos jactos de água acabou por transformar em cinza muitos dos corpos carbonizados, dificultando não só a identificação das vítimas mas inclusivamente a sua contagem.

RESPONSÁVEL DA CP: Não existe certeza absoluta acerca do número de passageiros que estariam em cada um dos comboios no momento da colisão.

JORNALISTA: Este monstruoso concentrado de matéria disforme exercia uma força de atracção da qual era impossível escapar, criando à sua volta um labirinto de paredes curvas e intangíveis, em que todos os caminhos acabavam por conduzir invariavelmente ao seu centro.

RESPONSÁVEL DA CP: Estamos a apurar o número de bilhetes vendidos, mas nada garante que alguém que tenha comprado bilhete estivesse efectivamente no comboio.

JORNALISTA: Para que os trabalhos pudessem prosseguir pela noite dentro, foram colocados potentíssimos holofotes em redor dos destroços. O cenário mais se assemelhava ao de um filme de ficção científica – um monstro metálico deitado na mesa de autópsias. Os bombeiros, com o rosto tapado por máscaras, saíam das entranhas fumegantes empunhando sacos de plástico. Só os achados maiores eram transportados com o auxílio de macas e cobertos por lençóis brancos que, amiúde, tomavam a forma de perfis humanos. Todo este material seguia depois para as morgues dos hospitais – peças de um *puzzle* que alguém iria tentar reconstruir, num meticuloso trabalho de arqueologia.

JORNALISTA: Estava a construir uma armadilha para javalis e avistou uma coluna de fumo negro erguendo-se em esplêndidas espirais, bem acima das copas das árvores, sinalizando, silenciosa, o local exacto do desastre.

BOMBEIRO: Existem três corpos que ainda não conseguimos desencarcerar.

SOBREVIVENTE NA CAMA DE UM HOSPITAL: Do meu marido não sei nada. Ele tinha ido ao quarto de banho e eu fiquei na cama a ler uma revista. Fui esmagada. As pernas para cima. O braço preso só por uma pelezita.

JORNALISTA: Os restos mortais não identificados vão ser sepultados em vala comum junto ao local do desastre.

SOBREVIVENTE COM FERIMENTOS LIGEIROS NO ROSTO: Lembrou-me de que ao meu lado ia uma criança a tentar resolver o cubo mágico. O cubo caiu-lhe das mãos, e só depois é que senti o impacto da colisão.

JORNALISTA: Tudo aponta para que se terá tratado de erro humano.

ELEMENTO DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA: Todas as informações são importantes para a identificação das vítimas. Pedimos a colaboração de todos. Existe um número de telefone para o qual os familiares podem ligar.

BOMBEIRO: É impossível ainda haver alguém vivo dentro das carruagens.

JORNALISTA: É, por exemplo, o caso de um cidadão estrangeiro que perdeu a memória, a bagagem e os documentos. Fala espanhol e não é capaz de se lembrar do próprio nome.

SOBREVIVENTE DE 70 ANOS QUE IA VISITAR A FILHA A PARIS: À minha frente ia uma rapariga muito bonita. Foi ela quem me ajudou a sair pela janela. O homem que ia ao seu lado, não sei se seria o pai, ficou preso nuns ferros e morreu.

TRANSEUNTE QUE CHEGOU DEZ MINUTOS DEPOIS DE OUVIR O ESTRONDO: Não existem palavras para descrever o que aqui se passou.

JORNALISTA: O Secretário de Estado já garantiu que foi constituída uma comissão de inquérito.

SOBREVIVENTE COM FERIMENTOS LIGEIROS NO PÉ ESQUERDO: Eu vinha deitado na cama. De repente começou tudo aos tomos e já não tive tempo de procurar as malas e os sapatos.

BOMBEIRO: Temos inclusivamente bagagens que ainda não foram reclamadas. Estamos a recolher elementos que possam contribuir para a identificação das vítimas.

SOBREVIVENTE: O senhor que ia ao meu lado estava a fazer as palavras-cruzadas. Lembro-me perfeitamente de o ouvir dizer «Traça circunferências». Depois, caiu tudo.

JORNALISTA: É o caso de um menino de 10 anos. Viajava com a mãe para Paris.